

NOVAS IDENTIDADES DO FUTEBOL: O CASO DOS CLUBES ITINERANTES¹

Alexandre Francisco Alves²

O futebol permite uma pluralidade de emoções e sentimentos comuns aos torcedores para além da compreensão de algumas ações que são fruto desse esporte, que tem no interior do estado de Minas Gerais um significado particular.

A relação que os torcedores estabelecem com os clubes que migram de uma cidade para outra, contrapondo-se a tradição dos clubes de possuírem uma sede ou um vínculo firmado com torcedores de determinada região, abre a perspectiva de investigar os novos interesses e as novas razões de existência desses clubes no futebol mineiro, especificamente, no interior do estado. Nesse meio bastante peculiar, o cenário esportivo sofreu algumas transformações que fizeram o chamado “mundo da bola” repensar sobre a forma de atuação de alguns clubes e dirigentes.

O objetivo desse trabalho é discutir o fenômeno dos clubes itinerantes, com destaque para migração geográfica e a mudança de identidade dos clubes de futebol no interior de Minas Gerais e indagações acerca de seus possíveis reflexos nos torcedores. Por ser um fenômeno não tão recorrente no Brasil e no futebol, ao contrário de outras modalidades esportivas, não foi encontrado registro de estudos e pesquisas publicadas que tratem sobre o tema.

Um exemplo dessa dinâmica do futebol é o caso de um clube fundado em 28 de junho de 2008, o Fabriciano Futebol Clube. Em março de 2010, o clube transfere sua sede para a cidade de Nova Serrana e passa a se chamar Nacional Esporte Clube. Em janeiro

¹ Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que pretende investigar o caso dos clubes de futebol itinerantes no interior do estado de Minas Gerais.

² Mestrando do programa de pós-graduação em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais e membro do Gefut (Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas).

de 2013, o clube transfere-se para a cidade de Patos de Minas, mantém o mesmo nome e passa a dividir o cenário esportivo com mais duas equipes³ existentes na cidade.

Contudo, apesar de firmar parceiras com outros clubes da própria cidade⁴, para disputa de competições nas categorias de base, em 2014 o clube transfere-se para a cidade de Muriaé, firmando parceira com o Nacional Atlético Clube e passa a se chamar Nacional de Muriaé.

Esse fato não pode ser considerado novidade no meio do futebol apesar de gerar certa estranheza em relação a outros esportes. No cenário nacional, o caso mais conhecido é o do Grêmio Recreativo Barueri, fundado em 1989 em Barueri-SP, o qual alterou seu nome para Grêmio Prudente Futebol Ltda. e se transferiu para Presidente Prudente-SP, em 2010. Em 2012, retornou para sua cidade de origem passando a chamar Grêmio Barueri Futebol Ltda. após ser comprado por um grupo de empresários.

Em Minas Gerais outros casos podem ser destacados. Em 09 de junho de 2011, a equipe do Ituiutaba Esporte Clube, fundado em 1947, mudou de nome e de cidade, autorizada nessa data pela Federação Mineira de Futebol (FMF) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Passou a se chamar Boa Esporte Clube e se transferiu para a cidade de Varginha.

Outro exemplo é o do antigo Ipatinga Futebol Clube, fundado na cidade do Vale do Aço no ano de 1998. Em 2013, após a aprovação da FMF e da CBF⁵, o clube transfere-se para a cidade de Betim e altera seu nome para Betim Esporte Clube. Ainda em

³ Há na cidade de Patos de Minas dois clubes de futebol tradicionais, o Esporte Clube Mamoré, fundada em 1949 e a URT (União Recreativa dos Trabalhadores), fundada em 1939.

⁴ O Nacional Esporte Clube firmou uma parceira com a equipe do Esporte Clube Mamoré para a disputa do campeonato mineiro de futebol júnior com o nome Nacional.

⁵ Essas sucessivas mudanças de sede e de nome por parte dos clubes do futebol brasileiro tornara-se uma inconveniência para a CBF, e obrigaram a entidade a se posicionar perante essa situação. No dia 1º de agosto de 2011, a CBF publicou uma resolução da presidência restringindo e estabelecendo critérios e regras para que um clube ou agremiação possa transferir sua sede e sua denominação social. A alegação da entidade para tal decisão se deve à possibilidade dessas mudanças sucessivas causarem prejuízo às agremiações, podendo gerar desmotivação no público, além de afastar potenciais patrocinadores. O documento denominado RDP n. 08/2011 pode ser encontrado em <http://imagens.cbf.com.br/201210/425820353.pdf>.

2013, após mudança na presidência do clube, seu novo presidente anuncia sua volta para a cidade de Ipatinga⁶. Em 2014, tendo já retornado à cidade natal, o clube participa do módulo II do campeonato mineiro de futebol com o nome ainda de Betim E.C., em virtude do registro na Federação Mineira de Futebol e na Confederação Brasileira de Futebol não ter sido alterado.

Essa mudança de sede e de identidade entre clubes é mais comum em outros esportes e acontece com mais frequência em outros países como é o caso dos Estados Unidos. Lá, as equipes se constituem em franquias esportivas e a permanência ou a transferência para outras localidades é feita com motivação econômica e apoiada em estudos de mercado. A indústria do entretenimento esportivo cresceu a tal ponto que o essencial, tanto para atletas como dirigentes, passou a ser o fator econômico. Assim as franquias se estabelecem nos locais onde possuem maior possibilidade de manutenção desse status econômico (ZIRIN, 2006, p.104).

No Brasil, há algumas diferenças em relação a esse processo. Os clubes de futebol tradicionais se estabeleceram no final do século XIX e início do século XX construindo, além de estrutura física (sedes sociais, estádios, centros de treinamento) uma relação emocional muito forte com seus torcedores.

O modelo de administração dos clubes se deu primordialmente através do regime de associações esportivas, ou seja, os clubes foram instituídos como associações ou pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos.

Porém, foi publicada a Lei nº 9.615⁷, de 24 de março de 1998 com a finalidade de regulamentar o clube-empresa. Desse modo facultou-se aos clubes a possibilidade de se organizarem como sociedades civis de fins econômicos ou sociedades comerciais.

⁶ Disponível em <http://www.diariodoaco.com.br/noticias.aspx?cd=76236> (acesso em 01/02/2013).

⁷ A Lei nº 9.615 conhecida como “Lei Pelé” foi elaborada com o objetivo de aperfeiçoar a legislação anterior e apesar de conter elementos da lei anterior, apresentou mudanças consideráveis, como a oficialização da proposta de implementação do clube empresa, a extinção do passe e a normatização das cláusulas penais referentes às hipóteses de rescisão do contrato de trabalho (PERRUCCI, 2006).

Assim, nesse contexto em que existe possibilidade de clubes e associações esportivas se tornarem sociedades empresariais e adotarem uma visão moderna e profissional do futebol segundo os conceitos propostos pelos legisladores e gestores, os torcedores são tentados a assumir o papel de consumidores e o esporte como espetáculo e produto da massa, cada vez mais ansiosa por consumir esses produtos. Essa lógica do capital, aliada a estrutura e perspicácia da televisão, transformou o esporte bretão em uma mercadoria altamente vendável e rentável, tanto para os clubes quanto para patrocinadores e as próprias emissoras de televisão.

Giulianotti (2010) traça um perfil dessas modificações nas estruturas dos clubes europeus com a evolução das finanças, o aumento do comércio nos clubes, destacando mudanças financeiras e culturais inspiradas principalmente pela televisão. A transformação dos clubes em “companhias” gerou uma corrida pela capitalização e a entrada destes no mercado de ações. Assim como no futebol europeu, em terreno brasileiro, essa mercantilização se restringe também aos grandes clubes de futebol.

Desse modo, o processo de mudanças e transformações que tomou conta do futebol mundial, hegemônico nos países da Europa, se difundiu em escala mundial e influenciou uma reorganização das instituições esportivas e dos espaços dos estádios no contexto local e global, provocadas pela transformação da cultura futebolística em mercadoria, o que gerou uma busca pela desterritorialização, pela internacionalização da marca e a busca por novos mercados de torcedores (CRUZ, 2010).

Contudo, ainda há resistências a esse modelo hegemônico de se pensar o futebol e que tomou conta de outros esportes a partir de sua apropriação pelo mercado do entretenimento. Para Damo (2002) é uma obviedade afirmar que existe uma diversidade de formas de se vivenciar o futebol no Brasil. Damo (2005) propõe a divisão do futebol em quatro matrizes principais: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar. Na espetacularizada o futebol é contíguo aos espetáculos artísticos e caracteriza-se por fatores como organização centrada e monopolista (FIFA e afiliadas), divisão social do trabalho dentro e fora de campo, a excelência performática em que existe todo o trabalho de preparação e treinamento no qual encontram-se envolvidos os profissionais propriamente ditos.

Nas demais classificações do futebol a partir das matrizes futebolísticas, as variações do futebol podem ser vivenciadas a partir da unidade futebolística⁸. O futebol das peladas é um exemplo do futebol classificado por Damo (2005) como bricolagem. Nessa modalidade, joga-se com certo improviso, adequando-se as regras, os recursos materiais, o espaço de jogo, o tempo de duração das partidas e até mesmo o número de jogadores.

Caracterizado em uma faixa intermediária entre o futebol espetáculo e o futebol de bricolagem, encontra-se o futebol comunitário em sua dimensão mais conhecida, o futebol de várzea. Nesse futebol, estão presentes quase todos os elementos do espetáculo futebolístico, porém em escala reduzida e até mesmo precária. Um exemplo disso é que todos os times de várzea possuem um técnico, um dirigente e um massagista, diferindo-se assim do futebol bricolado (DAMO, 2005).

Assim, é essa diversidade que permite ao futebol a manutenção de identidades específicas ao esporte e que revelam ainda muitas intersecções.

Pensando nessa diversidade de formas atribuídas ao futebol, as representações expressas por sentimentos e gestos configuram uma das diversas maneiras de se vivenciar o futebol. São várias possibilidades e dimensões na qual se pode desfrutar uma partida de futebol. O torcer é uma delas e possui comportamentos distintos e que podem ser estimulados e definidos pelo meio e pelo conjunto de significados adquiridos pelos membros de uma determinada cultura ou sociedade. Para Hall (2006), ao nos definirmos, assumimos identidades que, “muitas vezes não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós pensamos efetivamente nelas como se fossem parte de nossa natureza”.

Concordando com Hall (2009) as identidades fazem parte de um processo de aquisição de práticas que invocam uma origem ou um passado histórico. Tem a ver com a

⁸ Segundo Damo, a unidade futebolística é caracterizada por: “a) duas equipes (princípio da coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso da mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes)” (2005, p.36).

utilização de recursos da história, linguagem e da cultura não só para aquilo que somos, mas para o que nos tornamos:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2009, p.109).

As relações de identidade entre torcedores e times de futebol são construtos históricos e implicam o reconhecimento definido por Hall (2009) como “perturbador” de que a relação com o outro se define a partir daquilo que falta, daquilo que não é, ou seja, a construção da identidade é pelo apego temporário a uma estrutura que faz falta. No caso do futebol, os efeitos do pertencimento a um determinado *ethos*⁹ mantém essa relação de “dependência” do torcedor com o clube no sentido de que o torcer dá significado aos hábitos dessas pessoas.

Nesse sentido, a identificação¹⁰ com os clubes faz parte de um processo cultural dinâmico que é desenvolvido ao longo do tempo. Para Damo (1998) as representações caracterizadas pela diferenciação e pelas relações de identificação social com os clubes, são definidas como o “pertencimento clubístico”. É muito comum os torcedores se referirem aos clubes como “o meu time” e, nesse contexto, os torcedores estabelecem essa relação identitária com o clube.

Essas estruturas dinâmicas que constituem a identidade através de práticas simbólicas de representação, através dos quais os significados são produzidos, é que dão sentido a

⁹ Para Bourdieu, o *ethos* é o conjunto de princípios interiorizados que guiam a conduta do indivíduo de forma inconsciente e que permite a adesão aos valores partilhados por determinado grupo social. Cf. Bourdieu (2007).

¹⁰ Para Hall (2009) estamos vivendo atualmente uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade. O Autor sugere que ao invés de falar da “identidade” como uma coisa acabada, seria preferível falar de “identificação” e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2011).

experiência do torcedor e tornam possíveis as vivências do torcer seja ele individual ou coletivo. É dessa forma que os torcedores se apropriam de seu time e a partir daí se posicionam e constroem o status de relacionamento com os clubes de futebol que representam os ideais de seu grupo social, sua cidade, seus anseios, permeiam seus discursos e seus sentimentos.

Sobre o torcer por um clube com sede na sua cidade e, mais do que isso, carrega seu nome e o representa nas competições esportivas, o estudo de Silva (2011) aprofunda o sentido que o universo do futebol exerce na produção de significados. Seu estudo intitulado “O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata”¹¹ concluiu que a conexão entre o torcer, a relação com o time, as pessoas, os lugares e as histórias construídas ao longo de anos, denotam um engajamento social provocado pela produção de significados em que, mesmo vivências diferentes, convergem em um objetivo comum quando se trata das emoções conectadas com sentimento de amor pelo time e pela cidade em que vivem (Governador Valadares).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o campo econômico e administrativo dos clubes de futebol está em constante transformação em virtude dos processos ocasionados pela dinâmica do futebol, principalmente na dificuldade na geração das receitas para compensação dos gastos com pagamento de salários de jogadores, e custeio da equipe com treinos e competições, parece haver uma tendência por parte de dirigentes de alguns clubes, principalmente do interior, a buscar uma estrutura que atenda a seus interesses comerciais e econômicos.

Na busca da sobrevivência parte-se do pressuposto que as equipes de futebol almejam uma estrutura física e econômica que garantam sua manutenção. Contudo, por menor que seja um clube de futebol, esse não consegue subsistir com estabilidade, sem sua

¹¹ A pesquisa de Silva (2011) investigou as relações estabelecidas e os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata da cidade de Governador Valadares-MG. Através de entrevistas com torcedores e o acompanhamento do time no campeonato mineiro de futebol, o autor observou que o futebol na cidade de Governador Valadares, em relação ao torcer pelo clube estudado, se apresenta como um canal de identificação e reconhecimento dos torcedores com a própria cidade, constituindo um fator que pode contribuir para a compreensão da construção de identidades locais e regionais.

torcida. O futebol, se considerado um negócio, ao tomarmos como orientação o mercado do entretenimento, busca ultrapassar as barreiras econômicas locais e se estabelecer de maneira global. Essa influência do futebol mundial sobre outras realidades pode ser chamado de globalização e é definido por Giddens (1991) como “a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa”.

A parceria entre futebol e poder público é uma possibilidade que ainda atrai dirigentes esportivos em busca de recursos financeiros, infraestrutura e subsídios para a manutenção de suas atividades. Silva e Rezende (2013) analisaram o convênio entre Boa Esporte e Prefeitura Municipal de Varginha e encontraram contratos firmados do com o poder público e o repasse de verbas públicas para o clube, além da concessão das instalações esportivas e do estádio municipal.

Contudo, nem sempre essa relação é bem vista e bem quista por dirigentes municipais, pois a contrapartida de investimento por parte dos clubes não alcança os níveis do investimento financeiro realizado por parte dos governos. No convênio entre o Boa Esporte e a Prefeitura de Varginha, Silva e Rezende (2013), relatam que a primeira contrapartida do clube de futebol citado é “que o clube deve oferecer à cidade é a de “representar o Município em competições organizadas pela CBF e Federação Mineira”.

Além disso, para a manutenção de uma equipe na cidade, a alimentação desse sistema deve ser constante, e dificilmente, após se apoderar desses investimentos públicos um clube consegue sobreviver sem esse tipo de aporte financeiro.

Nesse sentido algumas indagações devem ser feitas sobre esse cenário instável que passa o futebol do interior. Qual a verdadeira motivação dos clubes ao migrarem para outras localidades? Como se configura nessas cidades, deixadas pelos clubes, o cenário dos torcedores? Como é a recepção e aceitabilidade dos times de futebol nas cidades destino? Qual é a verdadeira relação que os clubes querem desenvolver com os torcedores? No caso dos clubes que levam o nome da cidade que representam, como se estabelece a relação com a torcida onde o clube deixou de existir?

Levantar as possibilidades de estudo que emergem a partir do fenômeno da migração dos clubes de futebol para outras cidades permite repensar a lógica do futebol enquanto esporte mais popular do país e suas representações.

Resultados preliminares indicam que há uma tendência dos clubes buscarem recursos e estrutura que atendam à sua necessidade. Assim essas migrações geográficas podem se tornar eventos mais corriqueiros no futebol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Janael da Silva; REZENDE, Marcelo, L. *Antropologia esportiva, o município de varginha e o time de futebol boa esporte clube: trajetória, encontro, (des)identificação afetiva e relação econômica*. III Seminário Internacional do Nepess (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade). Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9615consol.htm>. Acesso em: mai. 2011.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção crítica social do julgamento*. Zouk. Porto Alegre. 2007.

CRUZ, Antonio. H.O. *A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

DAMO, Arlei Sander. *Do Dom a Profissão. Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (doutorado) Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DAMO, Arlei Sander. "O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol". Comunicação apresentada no GT Esporte, Política e Cultura, XXVI Reunião Anual da Anpocs, 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Para o que der e vier – O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado) Programa de pós-graduação em Antropologia Social – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*, São Paulo, Editora da UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Nova Alexandria. 2010.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (11ª ed., T. T. Da Silva & G. L. Louro, Trad.). Rio de Janeiro: DP&A, 2011. (Obra original publicada em 1992).

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu (organizador) *Identidade e diferença A perspectiva dos estudos culturais*. Vozes. Petrópolis, 2009.

PERRUCCI, Felipe. F. *Clube Empresa: o modelo brasileiro para transformação dos clubes de futebol em sociedades empresariais*. Dissertação (Mestrado) Curso de Mestrado da Faculdade de Direito Milton Campos. Nova Lima, 2006.

SILVA, Tiago. F. *O futebol no interior de Minas Gerais: os significados do torcer pelo Esporte Clube Democrata*. (Dissertação) Mestrado em Lazer – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011

ZIRIN, Dave. *What is my name, Fool?: Sports and Resistance in the United States*, Chicago, Haymarket Books: 2005.